

CONTATO LINGUÍSTICO NA ROMÂNIA: O JUDEU ESPANHOL

Maria Antonieta Amarante de M. Cohen*

Resumo: O judeu-espanhol, língua resultante de contato linguístico, é aqui analisado como uma língua ameaçada de extinção. Características que resistem à sua completa extinção são levantadas e tratadas numa perspectiva histórica e sociolinguística.

Palavras-chave: Contato linguístico; judeo-espanhol; extinção; mudança linguística; retenção linguística.

1. Introdução

O judeu-espanhol é uma língua que deriva do espanhol: segundo Renzi,¹ é um fenômeno da România Nova, da expansão do espanhol para fora da Espanha. Embora por razões diferentes, ao lado de seu transplante para regiões como as Américas, o espanhol é levado, no século XV, a outras regiões não latinizadas, como a Holanda, os Bálcãs (Turquia, Grécia), o Oriente Médio e a África (Marrocos), como resultado da expulsão dos judeus da Espanha em 1492. Regiões da própria Europa romanizada, como Portugal, França e Itália, também recebem levas dos judeus expulsos da

* Universidade Federal de Minas Gerais / CNPq.

¹ RENZI. *Introducción a la filología románica*.

Espanha e de Portugal. Formam-se, então, com essa diáspora, comunidades judaicas de fala espanhola que são denominadas sefarditas, exatamente por provirem de Sefarad, nome hebraico para a Península Ibérica.

Essa língua, de uma base hispânica procedente das várias antigas províncias da Hispânia Medieval, uma vez que a população judaica espalhava-se por toda a Península Ibérica na Idade Média, mesclou-se e mescla-se às várias outras línguas dos territórios onde os judeus se fixaram após a expulsão. Exemplifica bem o aforismo que vem sendo partilhado por linguistas há bastante tempo (cf. Hugo Schuchardt, no século XIX), de que não há língua que não seja mista. Assim uma base hispânica mistura-se a línguas de diversas regiões.

É, portanto, uma língua em que o contato areal com outras línguas é fator primordial em sua constituição, da mesma forma que o contato com outras línguas oficiais, com as quais ainda coexiste, vai ser fator determinante no seu desaparecimento.

Não tendo caráter de língua oficial em nenhum Estado nacional, sofrendo, portanto, da falta de normatização escrita, falada por grupos minoritários, minorizada pelos próprios falantes ou seus descendentes e sofrendo sempre a concorrência de uma língua oficial com a qual convive, o judeu-espanhol figura no rol das línguas ameaçadas de extinção.

Em muitos casos, a língua concorrente é uma língua tipológica e geneticamente próxima, como o português no Brasil e o próprio espanhol na América Latina, ambas integrantes do grupo ibero-românico, da România Ocidental. Fala-se nesse caso de uma rehispanização do judeu-espanhol, muito no sentido de que formas que se tinham conservado arcaicas por longo tempo se modernizarem e se reajustarem ao sistema do espanhol contemporâneo, como por exemplo, o desaparecimento do *f* inicial latino que se mantinha, e o ensurdecimento da sonora *-z-*, que também se mantinha, como em *bermoza*, e que se nivelam ao sistema fonológico do espanhol atual.

O tratamento desse tipo de língua, que não figura nos mapas, é complexo. Por que não figuram nos mapas linguísticos? Porque não têm um domínio propriamente geográfico, como a maioria das quase 7.000 línguas vivas no mundo atual, segundo dados do sítio *Ethnologue* (www.ethnologue.com). Ou seja, são realizadas sempre como uma segunda língua, no caso do judeu-espanhol, seja pelo falante de turco, de hebraico, de grego, seja do próprio espanhol, de francês, de português, sofrendo o descaso dos próprios falantes, reduzida a uma língua étnica falada não num domínio territorial, mas em situações sociais determinadas. Daí termos dito em trabalhos anteriores² que o judeu-espanhol, como outras línguas em extinção na família românica, se verticaliza perdendo o domínio horizontal ou geográfico. Há, portanto, uma verticalização em detrimento de uma territorialização.

No presente trabalho abordamos a questão do judeu-espanhol do ponto de vista das línguas em extinção, ciente de que essa problemática depende intimamente de questões sócio-históricas. As línguas acompanham os homens que as falam e não têm existência independente destes, acompanhando suas vicissitudes.

2. A diáspora sefaradí: caminho para a América Latina

A cultura sefardita, dominante entre os judeus medievais, cedeu lugar à cultura ashquenazita, dos judeus do centro e norte da Europa, havendo hoje remanescentes da primeira e de sua língua em diversas partes do mundo, resultantes de movimentos migratórios. Pode-se falar de uma diáspora sefaradí em direção à América, principalmente dos judeus marroquinos para a Amazônia.

² COHEN. Línguas românicas em extinção: o francoprovençal; COHEN. Línguas não-territorializadas: o haketía, o judeu-espanhol oriental e a língua dos “calons”.

No Brasil há resquícios dessa cultura nas comunidades judaicas na Amazônia, em Manaus, Belém e vizinhanças e também em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, muito pouco em Belo Horizonte. Acontecem no Brasil encontros sefarditas em que se congregam essas comunidades e há um Conselho Sefardi da América Latina. Há remanescentes dessa cultura em comunidades no Chile, Argentina, Uruguai, Venezuela, com diferentes graus de assimilação à cultura ashquenazita e às culturas locais. A Venezuela possui um Centro de Estudos Sefarditas, assim como os há também nos Estados Unidos, França, Espanha, Turquia e Israel. Como não é nosso objetivo arrolar todas as localidades onde há resquícios dessa cultura e dessa língua, citamos os mais conhecidos.

Importante é ressaltar que, embora associações como as citadas cultivem os resquícios do judeu-espanhol, fazem-no mais de um ponto de vista cultural, gravando e registrando dados, propõe-se aqui que uma metodologia mais direcionada possa propiciar um melhor aproveitamento dos mesmos.

Do ponto de vista das línguas em extinção, é importante lembrar que, além de ser o judeu-espanhol falado quase sempre como segunda língua, ou seja, tem a concorrência de uma outra língua num falante bilíngue, do ponto de vista quantitativo está entre as línguas minorizadas, não tanto entre as minoritárias. As minoritárias têm o *status* de primeira língua de um número reduzido de falantes, na região de origem das mesmas, as minorizadas são estigmatizadas pelos próprios falantes.

Segundo o sítio *Ethnologue*, o mundo tem atualmente 6.912 línguas vivas, isto é, línguas que têm pelo menos um falante que as fale como primeira língua, considerando-se as línguas em suas áreas de origem. As segundas línguas não são contadas nessa estatística.

Embora não haja falantes monolíngues de judeu-espanhol, estima-se que esse seja falado atualmente por 110.000 falantes, dos quais 100.000 encontram-se em Israel e 10.000, no restante das regiões. Destes últimos, 8.000 estão na Turquia. Depois de

Israel, a Turquia é, em termos de número de falantes, o maior reduto do judeu-espanhol.

No entanto, veja-se um dado interessante: apenas 5% das línguas do mundo (\pm 345 línguas) são faladas por 94% da população mundial.

Inversamente, do ponto de vista da população, 6% da população mundial é responsável por 95% do total das línguas do mundo. Há, portanto, uma concentração do maior número de falantes em um número reduzido de línguas. Ou seja, 6.567 línguas são faladas por apenas 5% da população mundial e apenas 345 línguas são faladas pela maioria da população mundial. Resumindo: a maioria dos falantes falam poucas línguas, ou: a maioria das línguas do mundo têm poucos falantes.

Esses dados, embora não se refiram especificamente à língua que discutimos, pois as segundas línguas não são levadas em conta na quantificação no *Ethnologue*, nos chamam a atenção para a diversidade das línguas no mundo, divergindo nossa atenção, acostumada a se concentrar nas línguas nacionais e oficiais. A concentração nas grandes línguas de cultura obnubila a realidade da enorme diversidade linguística no mundo.

O judeu-espanhol partilha das características das línguas que têm muitas variantes e que carecem de normatização escrita: possui vários nomes. É chamado *judeu-espanhol* pelos filólogos e linguistas romanistas; *ladino*, pelos falantes israelenses; *espanhol*, *sefardí*, *baquetía*, *spanyiolit*, *djudežmo*, dependendo da região onde é falado. Essa multiplicidade de nomes é sinal de falta de consenso entre os falantes, de uma fragmentação que vai além da variabilidade das línguas em pleno funcionamento, caracterizando o que Tuailon³ chama de estado dialetal puro, que antecede uma normatização que não aconteceu e sinaliza que essa língua está ameaçada de extinção.

³ TUAILLON. *Le francoprovençal*. Progrès d'une definition.

Esses falantes, os que assim podem ser considerados, são bilíngues; contudo, no Brasil e na América Latina, nem podem ser considerados como falantes propriamente ditos, uma vez que são descendentes de falantes que ou usam do judeu-espanhol em situações sociais muito específicas, como festas comunitárias, familiares, ou o misturam às suas línguas dominantes, restando do mesmo alguns elementos que por razões diversas resistem à extinção. O judeu-espanhol, mais do que o franco-provençal, outra língua ameaçada de extinção na família românica, constitui uma realidade em que a variante linguística é o dado fundamental.

Afastando-nos, portanto, da questão do domínio geográfico, dos mapas, onde dificilmente se encontrará seu registro, centramo-nos em seguida no processo de extinção do judeu-espanhol, encaixando-o no das línguas em geral. Focalizaremos, na matriz “mudança-retenção linguística”, que constitui o cabo de guerra da evolução das línguas, não os elementos que se assimilaram às línguas dominantes ou deixaram de ser falados guiados pelo fato de terem suas funções comunicacionais se tornado desnecessárias, mas aqueles elementos que resistiram e são passíveis de resistir à extinção.

3. A extinção de línguas

Tem havido muitas maneiras de se lidar com as línguas em extinção ou com a morte de línguas. Muitas são as ameaçadas de extinção e muitas as que já desapareceram ou foram substituídas por outras na história passada. A família românica é um bom exemplo, já que muitas das línguas descendentes do latim estão hoje ameaçadas de extinção, como o franco-provençal, o reto-românico, o sardo e o judeu-espanhol, língua românica e judaica, que nos interessa no momento.

A despeito de sua modalidade ladina ser escrita em caracteres hebreus, dos muitos empréstimos de origem hebraica,

ou árabe, ou turca, dependendo da região onde é falado, a estrutura básica do judeu-espanhol é românica.

Nossas considerações não levam em conta a modalidade denominada ladino, isto é, os textos escritos que são uma tradução palavra-por-palavra do hebraico para o judeu-espanhol, como a *Bíblia de Ferrara*, ou o *Mea'm Loez*, entre outros, que constituem um estudo à parte. Interessa-nos o que denominamos judeu-espanhol vernacular, aquele que ainda, mesmo que fragmentariamente, é falado, e escassamente escrito por falantes que o têm como segunda língua ou língua étnica.

Como já colocado, são muitas as variantes do judeu-espanhol. A grande divisão se faz entre o grupo oriental (Turquia, Grécia, Israel) e o ocidental (Marrocos), cada um com sua expansão e suas subdivisões regionais. Nas modalidades em que o processo de extinção está mais avançado, seu emprego acaba por ser um fator de identidade étnica que se manifesta através do uso de palavras, expressões-emblema, que permitem a identificação da pessoa como de origem sefardita, tanto para si mesma, como para os outros. Tal característica é verificada por Scheinbein⁴ em sua dissertação sobre a variante norte-brasileira do judeu-espanhol marroquino, o *hakitía*.

Propusemos em Cohen,⁵ com base em estudos sobre a extinção do francoprovençal e sobre o português brasileiro, a seguinte matriz de mudança-retenção linguísticas:

⁴ SCHEINBEIN. *Línguas em extinção*: o *hakitía* em Belém do Pará.

⁵ COHEN. *Reanálise e retenção*: propulsores da evolução linguística II.

Matriz retenção-mudança

Retenção	Mudança
Fatores internos	Fatores internos
Gênero: masculino	Gênero: outros
Número: plural	Número: outros
Caso: acusativo	Caso: outros
Modo: imperativo	Modo: outros
Tonicidade	Atonicidade
Vogal: posterior	Vogais: anterior
Nome: próprio	Nome: comum
Referência: exo-endofórica	Referência: endofórica
Fatores externos	Fatores externos
Função: emotivo-representativa (provérbios)	Função: representativa
Rural/isolado/rede social forte	Urbano/rede social fraca
RESISTÊNCIA À EXTINÇÃO	MUDANÇA

Fonte: Cohen⁶

Nesta matriz apresenta-se uma generalização sobre casos de retenção linguística analisados no português brasileiro, no franco-provençal e no judeu-espanhol, além do acréscimo de outros processos ainda sob investigação como os provérbios por Simões.⁷ Divide-se ela em duas partes: retenção (coluna da esquerda) e mudança (coluna da direita). Cada uma dessas se subclassifica em fatores internos e fatores externos. Os fatores internos são os estruturais, tais como gênero gramatical, número, tipo de vogal etc. Os externos são os extralinguísticos ou paralinguísticos, no sentido de coocorrerem com os elementos propriamente linguísticos.

⁶ COHEN. *Reanálise e retenção*: propulsores da evolução linguística II.

⁷ SIMÕES. O gênero proverbial em judeu-espanhol: um fator de retenção linguística em línguas em extinção.

À esquerda alinham-se os elementos que comprovadamente colaboraram para a retenção: o caso da tonicidade é a do sistema de artigos definidos do franco-provençal, em que o masculino [lu], com suas variantes [lo] e [loz], é a forma pronominal que resistirá mais tempo, por ser idêntica ao adjetivo possessivo [lu] *lou/louz* = *leur, leur* (fr.), ou seja, carrega em si mais informações do que as outras formas que se fundiram com as do francês. O [lu] artigo definido procede do acusativo (*il*)*los*, enquanto o [lu] possessivo, do genitivo (*il*)*lorum*, de acordo com Hoyer.⁸ O gênero masculino, provavelmente o número plural, e o traço acusativo estariam juntos, tornando a forma marcada quanto a esses traços. As outras formas do artigo confundiram-se com as do francês: *le* (masc., sg.); *la* (fem., sg.), *les* (fem. pl.); apenas o *lou ~ lo* (masc.) se mantém como elemento diferenciador. Entre as vogais anteriores e mediais e as posteriores, apenas essas últimas seriam as preservadas.

A referência exo-endofórica é a que se manifesta na retenção do *ele*-acusativo no português brasileiro.

Os nomes próprios de pessoa são os que retêm a estrutura latina sem artigo definido.

A função emotivo-representativa é a que persiste nas línguas em extinção, como o hakitía, conforme Scheinbein,⁹ em que a função emotiva da linguagem se superpõe à representativa, fortalecendo as formas e retendo-as. Nesta, o imperativo é o modo verbal que se mantém.

No extremo da escala de retenção linguística estariam os resíduos de línguas em extinção, como o caso do franco-provençal, ou seja, o que foi retido, preservado de uma língua configura-se como a retenção linguística no seu *maximum*.

⁸ HOYER. *Textes en dialecte dauphinois*. Établissement du texte, traduction et analyses linguistiques.

⁹ SCHEINBEIN. *Línguas em extinção: o hakitía em Belém do Pará*.

Por sua vez, os fatores externos viriam cumulativamente: o rural, o isolado ou a rede social forte favorecem a retenção, sendo um dos casos a retenção através de forma que carregue a função representativa juntamente com a emotiva, tornando-a mais pesada, marcada.

Portanto, os elementos marcados retêm a mudança, podendo a marcação (“markedness”) ser tanto externa, quanto interna, ou ambas associadas entre si.

Assim sendo, a fala rural se presta a esse tipo de estudo uma vez que o pressuposto tradicional da linguística espacial se verifica, isto é, “as áreas isoladas conservam a forma mais antiga”¹⁰ e suas características entrariam na matriz. A “marcação” do ambiente rural, supostamente em oposição ao urbano, se manifestaria na língua, ou em formas marcadas da língua, que, portanto, resistiriam mais à mudança. Dessas considerações propõe-se uma hipótese, ainda a ser mais elaborada: o que resiste à mudança acaba por resistir à extinção.

Norteados por essa matriz cabe-nos o levantamento dos dados relevantes. Para tal procede-se à coleta dos dados que vão fornecer os corpora sobre os quais a hipótese será testada.

A metodologia de estudo das modalidades de judeu-espanhol pode variar de acordo com o estágio de extinção em que se encontre. Assim, no caso da Turquia, onde o judeu-espanhol ainda é falado mais do que em outros lugares, o processo caracteriza-se mais como de incorporação de formas do turco ao judeu-espanhol, do que o de substituição do judeu-espanhol pela língua dominante, como se dá no Brasil e nos países cuja língua oficial é também românica. Este último é o caso dos países da América Latina e mesmo da Espanha, já que há comunidades sefarditas na Espanha atual. No Brasil, por exemplo, além de originalmente pouco falado, o judeu-espanhol sofreu a concorrência de uma língua irmã, o português.

¹⁰ SCHEINBEIN. *Línguas em extinção*: o hakitía em Belém do Pará.

Tal contato funcionou como um fator acelerador do enfraquecimento do judeu-espanhol.

Para as comunidades sefarditas brasileiras propusemos a seguinte metodologia de coleta de dados, parcialmente já testada por trabalhos como os de Sabbá-Guimarães,¹¹ Scheinbein.¹² Vejam-se as etapas abaixo:¹³

- a) separar, nas comunidades identificadas, os de origem marroquina dos de outra procedência, uma vez que já se comprovou que a atitude linguística dos dois grupos em relação à língua étnica diverge uma da outra, conforme comprovado pelos trabalhos citados acima;
- b) levantar uma descrição sócio-histórica da comunidade em questão, com base em bibliografia existente e em relatos de seus próprios membros;
- c) classificar os informantes por faixa etária, com a finalidade de se verificar se são da 1^a, 2^a ou 3^a geração de imigrantes;
- d) gravar e transcrever suas falas em conversação espontânea segundo metodologia da sociolinguística variacionista;
- e) solicitar que preencham um questionário preestabelecido e testado sobre a origem família, hábitos culturais, incluindo-se os de natureza linguística e religiosa.

De posse desses dados recolhidos com essa metodologia, o conhecimento dos remanescentes do judeu-espanhol poderá ser levantado e sistematizado. Entre outros, poder-se á caracterizar o que resiste à extinção, que é o objeto da presente discussão.

A partir da matriz acima prossegue-se a investigação, focalizando, desta vez, os provérbios, refrões, frases-feitas, e ditos que são típicos do judeu-espanhol. Mais uma vez, os marroquinos

¹¹ SABBÁ GUIMARÃES. *O judeu-espanhol*: uma língua neolatina em extinção.

¹² SCHEINBEIN. *Línguas em extinção*: o hakitia em Belém do Pará.

¹³ COHEN. *Judeo-Spanish in Brazil: history, identity and language*.

são separados dos orientais, para fins de classificação e comparação. A hipótese que nos norteia é a de que os provérbios são inseridos em enunciados de grande apelo emocional, o que os torna marcados e candidatos a não se extinguirem, além do já aventado papel desempenhado pelo contato com línguas oficiais e dominantes, como é o caso no Brasil.

O judeu-espanhol caracteriza-se, pois, como um a língua que dependeu do contato linguístico para sua gênese e cujo desaparecimento é também por este condicionado.

Résumé: Le judéo-espagnol, langue qui est le résultat du contact linguistique est ici analysé comme une langue en voie de disparition. Les caractéristiques qui résistent à sa complète extinction sont présentées et traitées selon des perspectives historique et sociolinguistique.

Mots-clé: Contact linguistique; judéo-espagnol; extinction; change linguistique; retention linguistique.

Referências

COHEN, M. A. A. M. Línguas românicas em extinção: o francoprovençal. In: RAVETTI, G.; ARBEX, M. (Org.). *Performance, exílio, fronteiras; errâncias textuais e territoriais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

COHEN, M. A. A. M. Línguas não-territorializadas: o haketía, o judeu-espanhol oriental e a língua dos “calons”. *Papia*, n. 13, p. 82-91, 2003.

COHEN, M. A. A. M. *Judeo-Spanish in Brazil: history, identity and language*. Jerusalém, 2005. (Comunicação apresentada no Pre-Congress on Sephardic Studies. Hebrew University of Jerusalem, Israel, 2005).

COHEN, M. A. A. M. *Reanálise e retenção: propulsores da evolução linguística II*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. (Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq, Pesquisador 1D).

COHEN, M. A. A. M. Judeu-espanhol hoje: Brasil e América Latina. Belo Horizonte, 2008. (Comunicação apresentada na VIII Semana de Eventos da Faculdade de Letras, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2008).

COHEN, M. A. A. M.; MENACHE, L.; GUIMARÃES, A. T. Remanescentes do Judeu-espanhol na comunidade de Belo Horizonte. *Revista de Estudos Judaicos*, Belo Horizonte, n. 1, p. 30-36, 1998.

HOYER, G. *Textes en dialecte dauphinois*. Établissement du texte, traduction et analyses linguistiques. Thèse (Doctorat), Grenoble: Centre de Dialectologie/Université Sthendhal Grenoble III, 1993.

RENZI, L. *Introducción a la filología románica*. Madrid: Gredos, 1982.

SABBÁ GUIMARÃES, N. *O judeu-espanhol: uma língua neolatina em extinção*. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998

SCHEINBEIN, C. *Línguas em extinção: o hakitía em Belém do Pará*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SIMÕES, D. S. O gênero proverbial em judeu-espanhol: um fator de retenção lingüística em línguas em extinção. Belo Horizonte, 2008. (Comunicação apresentada na VIII Semana de Eventos da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2008).

TUAILLON, G. *Le francoprovençal*. Progrès d'une definition. Saint Nicolas: Aoste, 1994.

VAROL, M. C. Un problème d'emprunt en judéo-espagnol. *Revue Ethnolinguistique*, Paris, n. 5, p. 129-157, 1990.

Recebido para publicação em novembro de 2008.

Aprovado em janeiro de 2009.